

**CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO¹:
IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO**

Palestrante: Ailton Krenak

Mediação: Profa. Dra. Andréa Narciso (PPGDS/Unimontes);
Profa. Dra. Mônica Maria Teixeira Amorim (PPGDS/Unimontes)

O VII Congresso em Desenvolvimento Social teve a honra de contar em sua conferência de encerramento, com a presença de Ailton Krenak, importante liderança indígena, ambientalista, jornalista e escritor, que vem se destacando como um dos mais influentes pensadores da atualidade. Suas obras, baseadas no pensamento e na sabedoria indígena, tecem profundas críticas ao modelo de desenvolvimento capitalista e à ideia de separação entre a humanidade e a natureza, convocando a sociedade à necessidade urgente de imaginar e co-criar outros mundos possíveis.

A conferência foi aberta pela Profa. Dra. Andréa Narciso (PPGDS/Unimontes), que retomou os principais debates realizados ao longo do Congresso, reforçou o papel da universidade como espaço de partilhas, construção de saberes diversos e plurais, contextualizou as lutas do povo norte mineiro, apresentou e saudou Ailton Krenak em nome de todos os congressistas. De sua aldeia, às margens do rio Doce, Ailton iniciou sua fala também saudando o povo norte mineiro com um abraço do Watu² ao rio São Francisco, e convidando todas, todos e todes a pararem uns instantes suas canoas para uma conversa fraterna entre os que se permitem, nesse momento de intensa violência do estado contra a sociedade, seguir resistindo e pensando outras realidades. Com a sensibilidade de suas palavras, Ailton evocou para essa conferência virtual, em tempos de pandemia e isolamento, a imagem de um encontro acolhedor em um dos tantos terreiros das Minas Gerais, entre os que lutam e caminham juntos há tempos, tecendo uma malha de afetos e resistências.

¹ Resumo da conferência elaborado por Roberta Brangioni Fontes, doutoranda do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Social, bolsista Capes, Universidade Estadual de Montes Claros. O conteúdo e a revisão ortográfica dos resumos são de responsabilidade dos autores.



Resistências aos projetos de dominação, ao apagamento das diferenças, à exploração do trabalho e devastação da natureza, que desde a colonização às faces mais recentes do capitalismo financeiro global, seguem se aprofundando, e, configuram hoje um momento que beira à exaustão da vida no planeta. Para Ailton Krenak, a humanidade encontra-se em uma espécie de xeque-mate, no qual urge imaginar e colocar em prática ideias para adiar o fim do mundo³.

Ailton trouxe reflexões sobre a violência do estado brasileiro contra a população, a guerra cultural empreendida pela extrema direita, o negacionismo em tempos de pandemia, a necessidade premente de enfrentamento ao fascismo, os limites das transformações possíveis dentro do modelo de democracia representativa e da ideia de inclusão social. Também enfatizou a contribuição das sabedorias ancestrais, o reconhecimento da diversidade, e a evocação do sonho de uma nação solidária, como idealizada por pensadores como Darcy Ribeiro e Paulo Freire, para a superação desse desafiador momento político que o país atravessa.

Ailton finalizou sua fala convocando cada um a despertar a criança que tem em si e que pode, nos tempos desafiadores, se animar a criar mundos. Em suas palavras, “nós precisamos reagir, nós não podemos deixar a direita fascista banalizar a vida brasileira. A vida brasileira é muito rica. Mas temos que resistir e recuperar esse corpo sonhado, desse território sonhado”.

Após breve interlocução com a professora Dra. Mônica Maria Teixeira Amorim (PPGDS/Unimontes), que compartilhou mensagens enviadas pelo público ouvinte da conferência, Ailton Krenak retomou a palavra se posicionando em defesa do rio São Francisco, que vem sendo alvo de mais um projeto hidrelétrico, e reafirmou sua crítica à ideia da separação entre humanidade e natureza, que faz com que muitas pessoas não se sintam afetadas pelo que ocorre à terra, aos rios, às florestas.

Nesse sentido, Ailton Krenak aportou contribuições fundamentais para as discussões realizadas ao longo do Congresso, que teve como tema os “Saberes e Direitos em

² Watu é o nome pelo qual o povo indígena Krenak se refere ao rio Doce. Watu é considerado uma entidade espiritual, uma espécie de pai, mãe e avô do povo.

³ Ver: KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.



Disputa”. Sua mensagem trouxe força, lucidez e afeto, elementos que permitiram encerrar o II Congresso em Desenvolvimento Social com o tom do *esperançar*. A Conferência de Encerramento “Ideias para Adiar o Fim do Mundo” pode ser conferida na íntegra a seguir.



CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO¹:
IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO - AILTON KRENAK

Mediação: Profa. Dra. Andréa Narciso (PPGDS/Unimontes);
Profa. Dra. Mônica Maria Teixeira Amorim (PPGDS/Unimontes)

Querida Andréa, vocês me acolheram com flores nesse terreiro! Eu fico viajando daqui da margem do rio Doce, na Aldeia Krenak, para esses pátios e terreiros aí de Montes Claros, no campus da universidade que está realizando esse nosso Congresso e que me dá a alegria, a satisfação de reencontrar pessoas queridas, que na última década foram erguendo esses estandartes que sustentam a cultura, o sonho e a ideia de mundos que nós almejamos construir e compartilhar.

A partir de Montes Claros, essa terra do Darcy Ribeiro e vizinhança dos nossos parentes Xacriabá, das nossas comunidades tradicionais, quilombos, comunidades que estão à margem dessa sociedade que insiste em flagelar o corpo do São Francisco, eu mando um abraço aqui do rio Doce, Watu. Watu abraça o São Francisco pra gente poder parar um instante as nossas canoas e fazer uma conversa. Uma conversa de irmãos e irmãs, de todos, de todas, de todes, como muito bem já foi evocado aqui por essa constelação de pessoas, que ao longo de suas biografias, das suas vidas, foram tecendo essa malha de afetos, de sentido e que nos permite nesse momento de violência do estado contra a sociedade, ainda sermos capaz de convocar congressos como esses e trazermos visões sobre nossa complexa sociedade brasileira e sobre as lutas que nós temos travado como uma constante na afirmação de um propósito de constituir uma nação. Essa ideia que foi plantada pelos nossos antepassados, em lugares de muita desigualdade, mas que nunca perderam a esperança e a fé de que nós somos capazes de criar mundos, nós somos capazes de instituir lugares de solidariedade, de afeto, de reconhecimentos uns dos outros, a partir inclusive da constatação de que somos diferentes.

¹ Transcrição realizada por Roberta Brangioni Fontes, doutoranda do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Social, bolsista Capes, Universidade Estadual de Montes Claros. O conteúdo e a revisão ortográfica dos resumos são de responsabilidade dos autores.

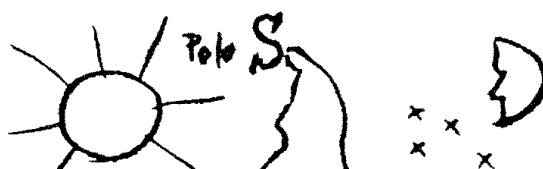


É nessa diversidade, nessa pluralidade de povos, de sonhos e visões, que eu me imagino com todos os que podem estar nos ouvindo agora, num terreiro. Vamos pegar as mãos uns dos outros, experimentar o calor de estarmos nos encontrando, atravessando as telinhas virtuais, nos imaginar nessas praças e terreiros, podendo olhar uns aos outros, podendo sentir o calor que vem do chão e experimentar essa implicação que nós temos com nossos territórios, que talvez seja a força para seguir resistindo e pensando mundos, mundos possíveis.

Nós sabemos que nos últimos 30, 40 anos, nós realizamos encontros em vários lugares da América Latina, aqui no Brasil mesmo, foram acolhidas mais de uma vez, as edições do Fórum Social Mundial. Esses fóruns onde nossas lideranças da América Latina e vários pensadores desse mundo globalizado, que nós estamos tendo que dar conta dele hoje, pessoas como o próprio Noam Chomsky que visitou o Brasil, num encontro recente, junto com o José Mujica, foram animadores desses fóruns. Pessoas que pensaram o mundo, visualizando essa tragédia social política que nós íamos embarcar ainda na entrada do século XXI, e tentaram convocar uma base para outros mundos, outros mundos possíveis. Então não é de agora que a gente está sendo afligido por crises e sonhando outros mundos.

Antes de abrir nosso encontro público, a gente estava podendo cumprimentar uns aos outros, e eu disse que as crianças têm uma capacidade de criar mundos, de imaginar mundos, que são representadas nas suas brincadeiras. Crianças de três, quatro, cinco, até um pouco mais, pegam uma espiga de milho e ela vira uma boneca, pegam uma semente, uma fruta, e fazem um carrinho, um brinquedo. Essa capacidade das crianças, essa subjetividade das crianças, permitem a criação de mundos, ampliam nossa subjetividade e nos dão resiliência e capacidade de superar esses momentos em que a vida esquenta e esfria, como foi citado nessa fala de acolhimento sensível e que eu agradeço, que foi a minha chegada aqui com vocês nesse terreiro.

Eu estou emocionado com a oportunidade de fazer uma fala privilegiada com vocês e pensar como seguir, dando densidade para essa teia, que tem como elemento fundador o reconhecimento do outro, a aceitação da diferença e uma disposição da solidariedade com as diferentes comunidades humanas que nos implicam. Criar afetos, cultivar afetos, assim como



precisamos cultivar florestas, cultivar as margens dos nossos rios, que significativamente são chamadas de ciliares, esses lugares que contém as nossas lágrimas, os nossos cílios. Matas ciliares. Nós precisamos cultivar esses nossos rios que têm sido o espelho da violência que ocupa os campos de relações entre os diferentes grupos sociais que constituem a nossa sociedade.

Se pensarmos em termos de Brasil, estamos vivendo um esgarçamento tão absurdo das relações interpessoais e uma crise nesses relacionamentos, no reconhecimento do outro, que beira a situação de uma guerra civil. Nós sabemos que em algumas regiões do nosso país, além do fogo do pantanal, o fogo na floresta, o fogo no cerrado, tem também o fogo feito diretamente contra as pessoas. Os nossos parentes Kaiowá Guarani no Mato Grosso do Sul estão tendo que enfrentar os fazendeiros com máquinas preparadas para combate, invadindo as vizinhanças das aldeias e eventualmente botando fogo nas casas. Então, nós tivemos uma erosão das relações sociais e um esgarçamento dessa teia que nós precisamos cultivar para que a gente seja capaz de pôr limite ao fascismo, de pôr limite a essa convocatória do estado brasileiro contra a sociedade.

Eu sei que nós vamos ter oportunidade de fazer referência ao que me inspirou a “Ideias para adiar o fim do mundo”², mas eu também quero ter a oportunidade de fazer um comentário sobre a violência que o estado brasileiro está promovendo contra a sociedade. Ele ilustra muito bem aquela obra clássica e fundamental de um autor chamado Pierre Clastres, que escreveu uma obra clássica, “A sociedade contra o estado”³, em que ele diz que descobriu na convivência com os povos originários daqui da América do Sul, principalmente entre os Guarani, e também um breve período junto aos Ianomâmi, que essas sociedades evitam a experiência social de criar uma representação superestruturada como o estado, e que essas pequenas sociedades não instituíram essas formas de governo por escolha, não foi por ausência de uma capacidade.

O ocidente costuma muito apreciar a cultura dos povos originários das Américas como carência, como o que não tem: o que não tem o R de Rei, o que não tem o L da Lei e o

² KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

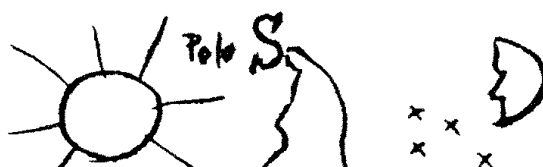
³ CLASTRES, Pierre. **A Sociedade contra o estado**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.



que não tem o F da Fé. Então esses povos, parece que também não tinham a letra E, que seria do Estado. Pura fantasia desses europeus que achavam que os povos originários não tinham inventado o estado por uma falta, por uma ausência. Os povos originários não inventaram esse aparato porque sabem que a renúncia à nossa soberania e a atribuição desse direito a um soberano, a um rei, significa renunciar à nossa capacidade de autogoverno, e os povos indígenas continuam resistindo a essa hegemonia de um aparato estatal governando as nossas vidas.

Nós resistimos e essa resistência dos povos indígenas é o que nos mantém vivos. Não tenham dúvidas. Nós não estamos vivos porque o estado promoveu políticas de proteção à nossa vida, nós estamos vivos porque resistimos até agora à conspiração constante do aparato colonial que o estado representa, em nos capturar, de nos trazer para dentro. A ideia de inclusão social, a ideia de política de inclusão social, que muitos de nós abraçam como um instrumento de resistência, de acesso a algumas condições fundamentais para que alguns direitos da pessoa humana possam ser alcançados, devem ser vistos criticamente, porque eles podem ser também uma rendição dos nossos saberes às formas de manipulação e controle político, tipos de manobras a que os estados nacionais são intrinsecamente dedicados.

Não existe nenhum estado nacional que zela pela cidadania e que zela pela vida dos seus concidadãos, digamos assim. Os estados, agora no começo do século XXI, se revelam como mecanismos de fácil captura pelo sistema, são capturados pelo capitalismo e as lutas internas a esses estados são aquelas lutas que têm custado a vida de milhões de pessoas, na luta pela terra, pelo acesso à terra, pelo acesso ao trabalho, pelo acesso à saúde, pelo acesso a condições que são indispensáveis para que qualquer pessoa humana possa se sentir dignificada. O estado não promove isso. Talvez no século XX, a ideia da social democracia, a ideia do bem-estar social, tivesse mesmo uma intenção inicial de promover distribuição de riquezas e de diminuir a desigualdade gritante que nós assistimos no mundo inteiro hoje, a grande vala que separa os que têm tudo e os que não têm nada. Aquela linha abissal que o Boaventura de Sousa Santos convoca para mostrar a divisão que existe entre Norte e Sul, e essa linha é tão determinante para a questão da economia, para o acesso a bens essenciais e mesmo uma condição fundamental para a vida, que é a segurança, a garantia do direito de ir



de vir, a liberdade de poder estar vivendo num estágio determinado da experiência social, em que você não é obrigado e constrangido a participar de um consenso sobre civilização, um consenso sobre progresso, sobre desenvolvimento. Essas chaves do progresso, desenvolvimento e civilização, elas são muito dominadas pela ideia de controle que os estados nacionais imprimem sobre as suas sociedades constituídas, internamente à conformação de cada um desses países, de cada uma dessas nações.

Foi evocado aqui aquele contorno que institui a nação brasileira, que estabelece nossas fronteiras em relação a nossos vizinhos, Colômbia, Peru, Argentina, esses irmãos vizinhos nossos. Essas configurações de nações que tiveram muita força até o final do século XX e que estão se revelando agora no século XXI como uma grave herança colonial que a gente precisa colocar em questão, é o que está me animando a falar com vocês hoje. Antes de abordar o tema do livro “Ideias para adiar o fim do mundo”, uma espécie de atualização da crise política, da crise do colonialismo mesmo, que de tanto exaurir a vida e o planeta, agora está se colocando diante de um novo desafio, que é como continuar mantendo a capacidade de sobrevivência do sistema capitalista sem eliminar uma grande parte da população do planeta. Esse é o dilema a que nós chegamos. É, nós chegamos a uma espécie de xeque-mate.

A nossa querida Conceição Evaristo, na abertura do Festival de Inverno aqui da UFMG, disse que nós chegamos, todos, independentemente de ser uma comunidade agrícola, rural, urbana, a um grau de implicação com o sistema capitalista, da mercadoria, do mercado, em que parece, para nós, que é mais fácil acabar o mundo do que acabar o capitalismo. Essas palavras contêm uma sabedoria que vem de uma experiência de luta, de resistência e de conhecimento também da nossa história colonial, que mostra que nós fomos conquistados por muitas facilidades que o capitalismo promoveu e uma parte dessas facilidades estão relacionadas com as nossas ideias de desenvolvimento e progresso.

Alguns países, algumas sociedades contemporâneas como a Holanda, decidiram parar agora no período da pandemia para refletir sobre decrescimento, para refletir sobre envolvimento ao invés de desenvolvimento. Pensar em envolvimento ao invés de desenvolvimento seria um exercício muito bem-vindo para esse momento em que o capitalismo está se rebobinando para continuar operando como um sistema único global, que



influencia todos os governos. Não tem nenhum governo hoje, em nenhum lugar do mundo que não está atendendo a uma receita do capitalismo financeiro global. As corporações estão espalhadas por todo o planeta, por todo o mundo e a maioria dos governos são decididos pelas corporações e não pelas comunidades que nós constituímos.

Agora, por exemplo, tem um entusiasmo espalhado pelo país afora, em torno da ideia de eleger mandatos para prefeituras, mandatos para câmaras municipais, como uma maneira de fazer um contraponto na ocupação fascista de muitos espaços de representação política no nosso país. Mas nós insistimos no velho modelo, que é o modelo da representação. Ele precisa ser questionado, precisa ser repensado.

Então, meus queridos, o comentário sobre a situação global que nós estamos vivendo hoje não podia ser silenciado pelo fato de que eu estou num território onde o povo Krenak está exilado dentro de seu próprio território, como se nós fôssemos refugiados, sendo abastecidos por um caminhão pipa e por insumos que vêm de fora para nos manter aqui dentro desse território [...]. Nós estamos vivendo em um território abastecido por um caminhão pipa que traz água do Espírito Santo porque nosso rio foi invadido pela lama da mineração, essa atividade econômica que é a principal atividade econômica do nosso estado de Minas Gerais e é uma atividade econômica muito importante no Brasil inteiro. Talvez, junto com o agronegócio, seja a atividade mais relevante, mais prioritária para esse governo e para alguns governos que antecederam este, no sentido de promover crescimento econômico para o país, mas nem sempre o crescimento econômico para o país representa qualidade de vida para as pessoas. Nós podemos ter um país faturando muito e um povo vivendo miseravelmente. Eu não preciso insistir nisso, porque de certo, os nossos amigos, amigas, todos e todas que estão aqui nos acompanhando, sabem que nós vivemos essa linha que separa os que têm tudo e os que não têm nada.

O Rio São Francisco, essa entidade, que está sendo ameaçada, pela construção de mais uma barragem, com todos os exemplos que nós já tivemos, ela é uma ofensa à nossa memória, à nossa história e à nossa capacidade de resistir e de lutar. Nós não podemos admitir que esse corpo sofrido do São Francisco, seja mais uma vez flagelado por uma obra de infraestrutura desnecessária. Eu estava pensando e queria compartilhar com vocês sobre esse



tema, qual a necessidade que nós temos de construir mais uma barragem nesse país que está à beira do colapso? Belo Monte foi um escândalo planetário. Já se comprovou que hidrelétrica, definitivamente, não é a melhor maneira de produzir energia e se nós estivéssemos mesmo muito carentes de produzir energia, tem muitas outras fontes possíveis, inclusive, a que existe nessa região onde querem fazer o barramento, que é a energia eólica. Os equipamentos para essa produção de energia, eles não devastam o meio ambiente, eles não danam os espaços onde eles são instalados. Então, a preferência que o Brasil tem pelas barragens, está muito associado ao esquema das empreiteiras e ao esquema de favorecimento político que esse esquema sempre representou.

Nós temos muitos argumentos para confrontar a ideia de fazer mais uma barragem no São Francisco e eu acho que a gente tem que convocar todas as pessoas que têm afeto por esses territórios, por nossos territórios, que são também os nossos corpos, para que a gente enfrente essa proposta de construir essa barragem, denuncie. Vamos enfrentar essa ameaça! Eu não conheci o projeto tecnológico, o projeto técnico dessa barragem, mas podemos olhar esse projeto, colocar em questão, acionar todos os meios que a gente puder, para ver se não há outra alternativa, além de fazer mais uma violência contra esse rio que tem uma transcendência, o sentido de uma entidade que atravessa o território brasileiro e que é cantado na nossa literatura, na poesia, na memória de milhões de pessoas. Esses brasileiros que têm que ter voz, que precisam reivindicar o seu lugar de cidadania e que não podem ser ignorados.

Antes dessa crise política, sanitária há uma crise ética nas relações também entre as instituições que possibilitam nos imaginarmos uma república, entre os entes que constituem a nossa vida pública, o judiciário, o congresso, o executivo [...]. Eu fiquei admirado ontem de ver a despedida de um ministro do STF, parecia que eles estavam na academia brasileira de Letras, faziam elogios e uma verdadeira celebração das cumplicidades entre classes. A cumplicidade entre classes que é a história colonial do Brasil. Essa cumplicidade de classes deixa o povo de fora, deixa o rio de fora, deixa a floresta de fora. Ela deixa aquilo que é o melhor que nós temos para nos constituir como nação, que pode ter afetos, que pode ter solidariedade entre nós e nos transforma numa paisagem predada pela máquina colonial, onde as nossas instituições de ensino, as nossas universidades são constantemente ofendidas pelas



autoridades, ministros da educação, autoridades que ocupam cargos na república. Então, é como se nós estivéssemos vivendo uma guerra cultural, uma guerra interna.

Alguns de vocês devem se lembrar da revolução cultural que ocorreu na China, na década de 60, 70, e eu era jovem, e tive notícia de uma revolução cultural. E como as revoluções sempre foram muito atraentes, eu olhava e pensava a possibilidade de uma revolução cultural feita pelos povos no sentido da emancipação. A emancipação dos povos para mim era a grande revolução que nós tínhamos que fazer. Eu fiquei admirado de experimentar na própria pele, uma revolução cultural feita pela direita, que é o que está acontecendo no Brasil. Nós estamos vivendo uma revolução cultural e a gente subestimou a capacidade da direita de promover uma revolução cultural. Talvez eles não tivessem essa capacidade instalada, mas ela foi proporcionada pela submissão do Brasil a esse pensamento colonial, a essa subserviência do Brasil à coisa americana e nós assistimos autoridades brasileiras enroladas na bandeira americana, na bandeira de Israel. Então, essa subserviência nos pôs diante de uma situação de revolução cultural, de uma revolução cultural que convoca uma certa religiosidade que institui dentro do Congresso uma bancada da Bíblia, que é também associada à bancada da bala, onde uma velha ideia do catolicismo popular, aquele de pessoas que pensaram o Brasil mais solidário, aquela ideia de um Brasil onde o catolicismo popular animava as comunidades eclesiais de base, hoje é tomada por milicianos pastores.

Então, nós temos uma situação escandalosa, que eu só consigo entender no contexto de uma revolução cultural, quando nós temos seitas que saem pelo país fora fazendo pregação política, queimando terreiros de religião africana ou afro-brasileira, queimando casas sagradas e locais de expressão religiosa do povo indígena, queimando aldeias, fazendo uma espécie de cruzada religiosa, com uma bandeira política. Então, nós estamos vivendo uma revolução cultural no Brasil e quem está promovendo essa revolução é a direita.

Se nós estamos tendo um congresso que pensa o desenvolvimento social, nós teríamos que pensar como vamos tratar esse contexto de uma guerra cultural promovida pela direita, que condena as artes, a universidade, os saberes e as manifestações que não são nos cânones do ocidente, que seriam aqueles do homem branco, rico e que tem acesso a tudo. Esse seria o modelo de sociedade que nós estamos perseguindo? Os condomínios? Os condomínios



de classe média alta? Essa semana estava vendo que em Dourados, no Mato Grosso do Sul, existe um avanço de condomínios sobre terras Kaiowá Guarani. Condomínios, sítios, aqueles sítios rurais onde os ricos montam os seus bunkers para promover isso que eu estou chamando de uma guerra cultural dentro do Brasil. Ela é feita com meios públicos, ela é apoiada e estimulada por meios públicos, tem ministros e autoridades do executivo que incentivam essa ação.

Então, nós estamos mesmo desafiados a nos levantar dessa situação de confinados que está facilitando muito a ação da direita. Enquanto muitos de nós vê o negacionismo avançando e dizendo que sequer existe uma pandemia, nós estamos assistindo também o avanço sobre as terras indígenas, sobre a mata atlântica, o desmanche de todos os marcos regulatórios para conceder uma licença para mineração, para abrir uma nova licença para uma hidrelétrica. Nós estamos sendo assaltados pela direita dentro do nosso próprio país, e nós não podemos tratar isso como algo que a gente vai transpor elegendo prefeitos e vereadores para os municípios. Isso pode ser uma importante ação nesse momento, mas não durmam no ponto, porque a direita está governando o país, e câmaras municipais não governam o país. Então, vamos pensar seriamente nas ações que nós precisamos estruturar a partir das nossas famílias, a partir das nossas aldeias, dos nossos quilombos, dos nossos territórios, das nossas organizações civis, para que a gente resista a uma guerra cultural promovida contra a diversidade cultural e que tem a iniciativa da direita.

Nós não fomos capazes de promover uma ampla articulação das nossas redes espalhadas pelo país afora, para que a gente pudesse nesse momento estar mais forte, mais ativos nesse enfrentamento. Eu sinto que esse nosso encontro, ele trouxe muita gente boa, esse VII Congresso trouxe falas que são da resistência, que são as pessoas que estão lutando em diferentes lugares para manter a integridade de seus territórios e de suas comunidades, de suas universidades, de suas escolas, de suas redes de solidariedade. Então, meus queridos, eu estou junto e é isso que a gente tem que fazer.

Nós temos que reivindicar nossa soberania popular sobre nossos territórios, sobre nossos corpos, como foi dito aqui. As mulheres têm dado um testemunho de coragem e de determinação em não arredar pé dos direitos que nós já conquistamos. Os povos originários



estão também no mesmo propósito. Nós sempre resistimos como foi dito aqui. Nós não sabemos como os sempre favorecidos pelo sistema colonial estão se sentindo agora, traídos pelo seu próprio escolhido. Nós estamos vendo uma erosão da vida política brasileira e nós precisamos pensar como é que a gente pode contribuir.

Cada um de nós, como aquele beija-flor que busca uma gotinha de água no oceano para debelar o incêndio, cada um de nós, não abrir mão da sua gotinha. Cada um de nós pode fazer no seu lugar, onde vive, com a sua comunidade, o que é preciso agora para que a gente resista a esse tempo de negacionismo, a esse tempo de afirmação da necropolítica, essa que passa com caveirão em cima das aldeias Kaiowá Guarani no Mato Grosso e que a despeito de toda denúncia, essas imagens aparecem no Fantástico e os caras continuam descaradamente negando. O fogo queima o pantanal e o ministro vem a público dizer que isso é uma denúncia exagerada dos ambientalistas.

Então, nós estamos vivendo uma experiência cotidiana de afrontar, de confrontar o negacionismo. E a ciência, os saberes, são a nossa arma para enfrentar essa brutalidade que a direita está se vangloriando de governar e de comandar: essa guerra cultural contra a diversidade. Tanto contra a diversidade de gênero, quanto a diversidade religiosa, as diversas expressões religiosas, contra a autonomia, a soberania que cada pessoa tem de escolher o que fazer com seu corpo, as escolhas de cada um. Nós estamos tendo a negação desse direito fundamental e que é um dos primeiros direitos da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Nós devemos reivindicar um direito à diferença e o tratamento de igualdade na diferença. Nós temos que ser respeitados na pluralidade. Nós temos que ressaltar essa pluralidade. Nesse nosso encontro hoje, eu tive o desejo de pôr esse adorno, porque ele celebra uma festa e esse nosso encontro para mim tem esse sentido de festa. Ele celebra um lugar do nosso país, onde foi cultivado um canteiro de disposição para a luta, de coragem e eu quero saudar a Unimontes por promover esse Congresso. Saudar todos os queridos que ajudaram a organizar, a criar essa oportunidade de encontro e de fala. Eu pude sentir o afeto desse nosso encontro atravessando essa tela virtual e me botando em contato com aqueles



queridos amigos que transpiraram, inspiraram e fizeram acontecer esses dias de confraternização, de troca e de estímulo.

Nós precisamos reagir, nós não podemos deixar a direita fascista banalizar a vida brasileira. A vida brasileira é muito rica. Se nós fôssemos homenagear nesse encontro, algumas das pessoas queridas que ajudaram a dar sentido a esse sonho brasileiro, nós não poderíamos deixar de fora o nosso ilustre Darcy Ribeiro, que é daí de Montes Claros. Uma pessoa fantástica, uma pessoa que provocou o nosso desejo de ser brasileiros. Ele pensava nesses brasileiros com uma amorosidade, com uma solidariedade e uma alegria, que deixava qualquer estrangeiro querendo conhecer esse tal de Brasil.

Então, não podemos deixar o Brasil ser banalizado. O Brasil não é fascista. O Brasil está temporariamente infectado pelo vírus fascista. Mas a gente tem que resistir e temos que recuperar esse corpo sonhado, desse território sonhado. Os povos indígenas ficaram vivos, resistiram até agora para compartilhar com seus irmãos brasileiros de todas as culturas e de toda fé, de todos os credos, que nós podemos sim, fazer essa terra de Pindorama, além da terra das Palmeiras, ser também a terra da solidariedade entre os povos, pra gente acolher aqui entre nós, inclusive essa gente que nós vamos ter que reeducar pra que eles larguem de ser fascistas e aprendam a pisar nessa terra com amor. O povo originário daqui chama esse lugar de mãe Terra. Então, quem veio pra cá, precisa aprender também a chamar de mãe Terra. E não sair por aí “tacando” fogo na terra. Essa terra é muito amada. Para além daqueles poemas parnasianos que viram hinos, essa terra é amada de verdade. Pelo trabalho, pelo esforço que as pessoas têm de criar suas comunidades.

O rio São Francisco é sagrado. Tirem a mão do São Francisco. Vamos descobrir quem são as empreiteiras que estão mancomunadas para fazer mais um roubo em cima do pretexto de construir uma barragem no São Francisco. Belo Monte foi um assalto. Foi projetado e depois foi triplicado, quadruplicado o orçamento para construir uma obra, que depois que começa, tem que terminar, porque senão vão argumentar que perderam o dinheiro gasto. Isso é uma desculpa de gente que sempre esteve acostumado a fazer, a manipular esses orçamentos, a inventar essas obras fantásticas para roubar o povo brasileiro.



Então, como Darcy, lembrando Vinícius de Moraes... Vinícius de Moraes, quando ele tinha oportunidade de cantar junto com Tom Jobim ou de cantar junto com Toquinho, ele sempre homenageava. Ele começava a fazer um solo no violão e falava “Viva Baden Powell”, “Viva Cartola”, “Viva Pixinguinha”. Então a gente pode dizer “Viva Darcy Ribeiro” e a gente pode começar a fazer um grande jogral, evocando todos aqueles que deram sentido a essa ideia de ser brasileiro.

A gente podia em algum momento recuperar de dentro de nosso ser, a vontade e o entusiasmo de dizer “Viva o povo brasileiro!”, ao invés da gente arrastar por aí, uma bandeira envergonhada, humilhada e aviltada por uma apropriação fascista dos símbolos dessa ideia de um Brasil. Brasil que precisa ser solidário. Nós temos que ser solidários uns com os outros como nas canções do nosso querido Gonzaguinha, que sonhou com um país solidário. Com Aldir Blanc, com os poetas todos. A gente podia convocar toda essa poesia dos que já foram, se encantaram e dos que estão vivos pra gente fazer valer um desejo de uma nação solidária, que vai além das canções, e que ela esteja representada na nossa pluralidade, na nossa diversidade e na nossa capacidade de inventar mundos.

Para além de adiar fins de mundos, nós somos capazes de despertar a criança que cada um de nós tem em si e que deve ter deixado esquecida em algum lugar, mas que nos anima, que nos anima no tempo de desafio, nos tempos de aperto, a criar mundos. Brincar de novo. Brincar com a espiga de milho, brincar com o cavalo de pau, brincar de pular amarelinha, brincar de cantar de roda. Brincar de cantar as canções que a gente aprendeu dos nossos avós, dos nossos antepassados. Celebrar a vida. A vida é um dom maravilhoso. A vida é para ser celebrada. E quando a vida é humilhada, quando a vida é ofendida, ela também pode se erguer e a vida pode ser combate. Então nós precisamos convocar nossa memória de quem nós somos e não deixar essa memória ser ofendida, humilhada.

Então, viva os nossos parentes Xacriabá aí do Norte de Minas, viva os geraizeiros, viva essas pequenas comunidades de agricultores que resistem aí no meio do cerrado, nas gerais, os barranqueiros, todo mundo. Viva os nossos povos que dão testemunho de resistência e uma disposição para a vida. Eu estou aqui para conversar com vocês. Obrigada



pela oportunidade de fazer uma fala tão extensa que agora eu vi que já tem uma hora que eu estou falando. Ererré!

[...] Intervenções das mediadoras

Estamos aqui em situação de confinamento em função do Covid e confinamento também em razão do desastre ambiental. Às vezes quando eu me refiro a essa situação, para não ficar muito provocativo, eu não chamo de crime ambiental, deixo essa questão de crime para o ministério público decidir, chamo de desastre. Mas vai completar 5 anos que esse rio, esse corpo desse rio que passa aqui na nossa aldeia, está interditado e isso não me deixa descuidar de que a gente tem que vigiar para que isso não aconteça com todos os rios dessa nossa terra. A gente está vendo agora o São Francisco sofrer mais uma violência, é como um corpo que já está cheio de hematomas, já está todo flagelado e sofre mais uma agressão.

Então, assim, a gente tinha que convocar todas as redes que são relacionadas com o São Francisco pra gente atinar com uma ação, que não precisa ser só na mídia. A gente tinha que pensar alguma ação com alguma possibilidade de acontecer fisicamente, em que revelássemos o repúdio a esse projeto de uma hidrelétrica, de mais uma barragem no São Francisco. Eu fiquei assim implicado com o que acontece com o corpo do São Francisco, porque para mim é o corpo do Watu, do rio Doce, que está aqui. Todo rio pra mim, qualquer rio pra mim, que é ofendido, é um ser ofendido. Então, eu não tenho mais paciência com quem acha que pode tratar um rio como se fosse uma coisa. Rios não são coisas. A origem e a fonte de nossas vidas são rios. A nossa experiência de humanos não existe se não tiver o rio, se não tiver a floresta, se não tiver a terra.

Tem um filme do Vincent Carelli, que se chama Martírio. Tem uma cena muito forte desse filme Martírio, é quando o Vincent está numa aldeia no Mato Grosso do Sul, num encontro com os anciãos, com o pessoal que está lá na resistência, e uma das lideranças passa a mão no chão, eles estão lá na roça, pega um punhado de terra, e põe na boca e ele fica com aquele punhado de terra conversando na boca, como se estivesse comendo rapadura. O amor dele por aquele chão e o entendimento de que a vida vem debaixo do barro do chão, torna ele



e a terra um mesmo corpo, e a gente está sendo convocado a constituir comunidades totalmente estéreis, em que não se pode pisar na terra, não pode deitar no chão, não pode botar a mão na terra e que o alimento não deve nem trazer terra junto com ele. Se você tem uma macaxeira, se você tem uma batata, você tem que lavar para mostrar para os outros. Então assim, é, botar ela lá na feira, toda lavadinha porque ela não pode denunciar que ela é da terra.

Essa espécie de divórcio do cotidiano que é feito através de pequenas coisas, quando você não vê que a batata vem do chão, quando você não vê que o milho vem do chão, você começa a criar uma vida esterilizada, onde nós vamos ter uma humanidade que é aquela que eu denunciei no “Ideias para adiar o fim do mundo”, como uma espécie de abstração: é uma abstração da vida, não é a vida. Então, para essa abstração de vida, não precisa de rio.

Você imagina bem, o sujeito que mora no 23º andar de não sei que prédio, lá no Rio ou São Paulo. Ele escuta uma notícia de que vão fazer uma barragem no São Francisco: problema nenhum! Ele não precisa de rio. A batata dele não vem da terra. O queijo dele não vem da terra. A banana dele não vem da terra. Eles vêm do Carrefour. Então tem essa alienação. Uma das coisas que o Darcy batia muito, ele falava muito em educação. Ele e o Paulo Freire: educação, educação, educação... é porque eles achavam o seguinte, a gente tem que educar as pessoas para elas entenderem que batata vem do chão, e que o Baião, vem debaixo do barro do chão, como diz a canção do Luiz Gonzaga e do Gilberto Gil. Assim, a batata vem do chão e nós também, então é por isso que os parente Kaiowá Guarani pegam um punhado de terra e põem na boca, porque eles não têm nojo da terra.

Então, nós não podemos ser uma humanidade que tem nojo da terra, que pasteuriza a terra, que esteriliza a terra. Essa gente que chapa a cidade de calçada, que senta concreto pra todo lado, que quer asfaltar a Amazônia, essa gente não tem afeto nenhum por nada. Então a gente tem que confrontar essas mentalidades, né, mesmo que a gente não tenha que ir pra porrada com eles, pelo menos a gente tem que confrontar essa ideologia fascista deles. A terra é nossa mãe, e a gente não quer que asfalte, a gente não quer concreto em cima da terra, a gente quer que a terra respire. A gente quer que as pessoas entendam, que nesse período de pandemia, o que as pessoas mais precisavam é de um respirador. Respirar. Então



vamos respirar e inspirar novos mundos, novas ideias de mundos, e quebrar esse concreto bruto que estão tentando imprimir em nossa vida cotidiana.

Eu não sei porque eu fiquei tão implicado com a ideia de que nós estamos vivendo uma guerra cultural. A professora Conceição Evaristo mencionou isso na abertura do Festival de Inverno aqui na UFMG e eu não larguei mais essa ideia. Eu estou querendo desenvolver essa questão de entender se nós estamos num contexto de guerra cultural, como fazer para que a gente possa assegurar que a nossa herança cultural não seja jogada fora, não seja incinerada. Porque quando você diz, por exemplo, que um terreiro ele é do demônio e que você pode botar fogo num terreiro, você pode ir num terreiro de candomblé e tacar fogo nele, que você pode proibir as pessoas de fazer um culto desse, e que você tem que ir lá pra igreja do Davi Miranda ou de algum desses caras incrivelmente, terrivelmente evangélico, ora, se o mundo é dos terrivelmente evangélicos, então a gente vai ter que decidir onde é que ficam aqueles que não são terrivelmente evangélicos, que são de outras culturas, de outras tradições. Tudo bem que a Damares gosta de subir em pé de goiaba, boa sorte, mas ela não tem que obrigar todo mundo a fazer isso, né.

Então a gente deveria lançar um movimento da cultura dizendo que viva a liberdade de culto, viva as expressões culturais, viva a pluralidade, inclusive de subir em pés de goiaba. Viva Paulo Freire! Viva Darcy Ribeiro! Viva todo mundo! Viva todos os queridos que construíram esse jardim que foi esse encontro nosso! As sabenças. Essas mulheres maravilhosas que foram chamadas de lá do Xingu, de lá do Mato Grosso, de lá da Amazônia, daqui do nosso cerrado, para falar da terra. Assim como os Kaiowá elas não têm vergonha da terra. Então é isso, elas gostam de ter a intimidade que herdaram dos seus ancestrais com a terra. Isso não é uma apologia, isso é uma declaração sincera de ser daqui, né, nós não somos et's, nós não somos extraterrenos. Então, a gente ama essa terra mesmo. Então, vamos nessa! Que alegria estar com vocês. Gratidão, gratidão. Viva! Daqui das nossas aldeias um abraço pras aldeias e casas de vocês. Maravilha.

